

UMA USINA DE BITCOINS A CARVÃO

Por Wilson Bigarelli



O ato de minerar sempre esteve associado no imaginário das pessoas ao processo de busca. Nos primórdios da web, antes ainda do velho Yahoo, surgiu um singelo buscador chamado Miner, vestido a caráter, é claro, trazendo como logotipo um capacete de mineiro. Evidente que seus usuários, em esmagadora maioria, não estavam buscando veios, jazidas e que tais. Como hoje, aliás, onde aquela acepção inicial do verbo minerar voltou com força ao uso corrente ou, propriamente, de moeda corrente. Sim porque, de repente, muita gente começou a minerar... bitcoins e outras criptomoedas. Um ciberataque em massa que se espalhou pela rede mundial de computadores e tem exigido o máximo de cada computador (e suas ventoinhas). Haja energia.

A IOT, companhia de tecnologia australiana saiu a campo e fechou, no início do ano, um acordo inusitado com a Hunter Energy, proprietária atual da Redbank, uma problemática termelétrica de carvão situada a duas horas de Sidney. Sim, será ali que a IOT planeja implantar o Blockchain Application Centre, que chama, sem corar o rosto, de novo Silicon Valley. O projeto, todo high tech, com coffee shops e, provavelmente, almofadas coloridas espalhadas pelo chão, prevê a transformação de um descampado ao lado da usina em um coworking para startups e mineradores de moedas virtuais. O grande apelo: energia disponível e barata, a 20% do valor de mercado. Para a Hunter Energy será a redenção. Inaugurada em 2001, pelo primeiro de seus muitos controladores, com capacidade para 150 megawatts (MW), Redbank foi fechada três anos depois, em consequência de sucessivos acidentes e problemas ambientais – e a companhia a arrematou, entre outras usinas perfeitamente sustentáveis, como um mico de estimação. Agora, quem sabe, graças à sanha dos novos mineradores, Redbank voltará à vida no espaço de 12 meses, gerando 2 MW com base, pelo menos inicialmente, no mais tradicional dos minérios: o carvão.

minegaléria

